



María Ondina Braga

**Viagens
e Culturas
em Diálogo**

Isabel Cristina Mateus
Cândido Oliveira Martins
(eds.)

Braga, os passos de Ondina

Isabel Cristina MATEUS

“Mas, acima de tudo, quero encontrar-me consigo. Acima de tudo, desejo recordar a minha terra, as pessoas e os lugares que amei, outros passos...”

Maria Ondina Braga, *Estátua de Sal*

Toda a viagem contém em si uma ideia de regresso. Um desejo de retorno à origem, ao familiar, à segurança do conhecido, a esse porto de abrigo a partir do qual um dia enfrentámos o medo e nos lançámos à aventura do desconhecido. Mesmo sabendo que esse regresso é impossível porque a viagem nos transforma interiormente, nos torna irreconhecíveis como Ulisses, ou nos inquieta, ao dar-nos a ver o que afinal sempre esteve ali, no nosso “quarto”, tão próximo de nós e não havíamos visto, como nos ensinou Xavier de Maistre.

Para uma escritora nómada como Maria Ondina cujo percurso de vida se confunde com a cartografia do mundo, que como turista, viajante ou emigrante passou por lugares tão distantes como Hong-Kong e Pequim, Coloane e Caranzalém, Luanda, Baía e Rio de Janeiro, Cairo, Paris, Londres, Worcester ou Inverness, esse lugar de partida (ou de regresso) foi sempre o norte de Portugal. Em especial, a faixa litoral que vai de Viana do Castelo a Moledo, de Ponte de Lima a Esposende, de Vila do Conde à Póvoa do Varzim ou ao Porto, sem esquecer, no interior, lugares como Amarante, Guimarães ou as serras do Gerês. Pela referencialidade directa a estes espaços, sua recorrência na escrita e importância simbólica, poderá dizer-se que eles configuram, mais do que uma topografia íntima ou mitografia afectiva, uma bússola ou legenda do mapa-múndi que a escritora percorreu.

É a estes lugares de memória que Ondina constantemente regressa em busca das raízes de uma identidade fragmentada e dispersa: eles são a referência

matricial a partir da qual se confronta consigo própria e com a alteridade, o alfabeto a partir do qual procura ler o mundo, mas também a mudança, em si própria e nos lugares, a cada regresso. Estes lugares configuram uma geografia, simultaneamente afectiva e de criação literária, que nunca se sobrepõe às diferentes geografias e culturas, antes se abre ao diálogo com a pluralidade de mundos e de olhares que a viagem, e a escrita enquanto viagem, convocam.

Tive já oportunidade de me referir brevemente neste volume aos lugares nortenhos de Maria Ondina, para além de lhes ter dedicado a minha atenção num roteiro literário, recentemente publicado¹, construído a partir do olhar *diferente* da mulher e da escritora sobre o norte de Portugal. Um olhar revelador, íntimo, que, fugindo do postal turístico habitual, nos descobre espaços interiores e lugares improváveis, nos dá a ver paisagens habitadas, histórias ocultas, gestos ancestrais, dramas silenciados. Seguir este roteiro é viajar no tempo e na memória, mas também viajar pela escrita e pelos universos interior e imaginário de Maria Ondina, sermos cúmplices dos seus segredos e afectos, do seu modo de olhar as coisas. Mais do que uma viagem, este roteiro é uma aprendizagem do olhar.

Entre os lugares nortenhos de Maria Ondina ocupa um lugar especial a cidade de Braga, cidade onde a escritora nasceu e viveu a sua infância e juventude. Cidade que transporta, não apenas no apelido mas também no coração, como uma casa móvel ou concha de abrigo, na sua itinerância pelo mundo e à qual dedicará uma atenção privilegiada na narrativa autobiográfica *Vidas Vencidas*. O roteiro literário a que acima me referi não poderia, por isso, deixar de atribuir a esta cidade um lugar central na topografia literária e na geografia humana de Maria Ondina: foi a partir desse guia, e com a colaboração da direcção do Museu Nogueira da Silva, do meu colega de organização Cândido Oliveira Martins e da Minho Free Walking Tours (a quem nunca é demais publicamente agradecer), que procurámos oferecer aos participantes deste encontro uma viagem aos lugares da escritora.²

O mapa que então elaborámos, tendo em conta as condicionantes de tempo e de organização, limitou-se a um itinerário no centro da cidade, um

1. Para uma descrição mais completa dos lugares a visitar, veja-se o roteiro *Viajar com... Maria Ondina Braga*. Guimarães: Opera Omnia/Direcção Regional de Cultura do Norte (DRCN), 2018.

2. Agradeço a diversas entidades e particulares a gentileza de terem tornado possível esta viagem, em especial: Biblioteca Pública de Braga (BPB), Cabido da Sé de Braga, Colégio D. Pedro V, família D. António Coimbra de Vasconcelos e Lencastre, Fernando Mendes, Museu dos Biscainhos, Padre Paulo Terroso e Theatro Circo.

percurso a pé, de forma a permitir demorar-nos em cada um dos espaços, descobrir-lhes as marcas da memória e do tempo, sentindo ao mesmo tempo o pulsar das ruas, escutar os sons e as vozes da cidade, aspirar-lhe os cheiros. Considerando o êxito desta “viagem” inaugural, julgámos oportuno partilhar aqui o mapa que nos serviu de guia no desejo de que ele possa ser um estímulo para outras “viagens” no âmbito do turismo cultural a norte do país, um instrumento útil para todos os que desejam encontrar-se com a escritora e descobrir, através do seu olhar, a cidade que foi a dela.

Todavia, notamos que um mapa completo da cidade de Maria Ondina não pode deixar de incluir lugares como os santuários do Sameiro ou, em especial, o do Bom Jesus, espaços simultaneamente familiares e inspiradores para a escritora, desde o “poema mineral” do escadório do Bom Jesus, do funicular oitocentista ao cantinho (e à memória) de Camilo. O mapa levará assim o visitante/viajante à descoberta de uma cidade desconhecida, dos seus lugares secretos e mais íntimos, reais ou imaginários como a “casa dos anjos”, mas também de uma memória bem mais antiga do que a “cidade pequena com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes”. Um percurso que tem como ponto de partida a casa onde a escritora nasceu, na Avenida Central (cuja sala guarda ainda o tecto de estuque com os quatro continentes em cada canto, mapa anunciado do trânsito de Ondina pelo mundo), e a igreja dos Congregados cujo sino marcará para sempre a paisagem sonora da sua vida.

Do Recolhimento das Convertidas à velha Sé de Braga, da Senhora do Leite (“à Senhora do Leite da Sé de Braga, como lhe quero!”) ao Largo do Paço e suas discretas varandas abertas sobre o fontanário que a escritora promete lembrar “na outra vida”, das misteriosas gelosias da Casa dos Crivos à janela manuelina e à Capela da Casa dos Coimbras, do Palácio dos Biscainhos ao Theatro Circo, da Fonte do Ídolo às ruínas romanas da Cividade, do antigo Colégio da Penha de França ao Liceu-Museu Sá de Miranda que a escritora frequentou em diferentes etapas do seu percurso estudantil, dos segredos e tesouros da antiga Biblioteca Pública onde Ondina tantas vezes se refugiou ao esplendor arquitectónico da cidade barroca, sem esquecer os cafés e a cidade comercial, muitos são os espaços a (re)descobrir. Sem esquecer, naturalmente, o Espaço Maria Ondina Braga, no jardim do Museu Nogueira da Silva, onde hoje se encontra acessível ao público o espólio da escritora.

O que este roteiro propõe é uma viagem à roda, não do “quarto”, mas da “casa” de Ondina, abrindo-nos as portas da sua “casa” nortenha, revelando-nos

o olhar da mulher e da escritora-viajante. Um olhar que nos dá a ver na cidade não apenas o que desconhecíamos, mas porventura aquilo que sempre esteve perto de nós e afinal não soubemos ver.

Possa o mapa que aqui agora partilhamos e o olhar cúmplice da escritora ajudar-nos a descobrir a cidade e os seus segredos. A sua memória de água e de pedra. As suas sombras e penumbras. As suas vozes e histórias. Os seus murmúrios.

Possa a cidade guardar no coração este mapa como a escritora guardou no mapa do coração a cidade que amou e levou consigo pelos caminhos do mundo.